



ROCHA MARTINS

FANTOCHES

A Imprensa e "Os Fautoches"

O *exlto* obtido pelo panfleto que Rocha Martins iniciou, constata-se duma forma iniludível diante das seguintes apreciações da Imprensa:

DIARIO DE NOTICIAS — O nosso distinto colega Rocha Martins recommençou a publicação do seu interessante folheto político intitulado «Fautoches». No primeiro número, que ontem safu e que abre por uma apresentação «O senhor Roberto volta à leira», o autor confirma todas as suas qualidades de escritor brilhante e polemista vigoroso.

O SECULO — Foi ontem iniciada a publicação de um folheto semanal intitulado «Fautoches», em que o conhecido jornalista, sr. Rocha Martins se propõe regista, em tom de crítica, os aspectos varios da vida portuguesa dos nossos dias. O numero de ontem contém 3 capitulos: «Os dois barrêtes vermelhos», «Confissões duma côdea de pão» e «Os fumos dos lucros de guerra».

O SECULO (EDIÇÃO DA NOITE) — Rocha Martins, escritor vigoroso e polemista incansavel, não pode, por muito que o deseje, afastar-se do terreno político. A sua pena experimentada e talentosa, exige-lha a especialidade da polémica escaidante, cheia de atractivos, mas não isenta de pe igos.

O director do *A B C*, revista independente, acaba de fazer ressurgir os *Fautoches*, panfleto semanal de crítica, em que se propõe analisar os males da nacionalidade, causticando aqueles que supõe seus causadores.

Edita os *Fautoches* o seu autor e o folheto custa cincoenta centavos.

CORREIO DA MANHÃ — FANTOCHES — O primeiro número do panfleto semanal de Rocha Martins, «Fautoches», ha tempo anunciado e aguardado com impaciencia, aparece hoje finalmente à venda.

Temos à vista um exemplar, de cujo interesse se avalla pelo sumario dos capitulos «O sr. Roberto volta à leira — Os dois barretes vermelhos — Confissões duma côdea de pão — Os fumos dos lucros da guerra — Aquela mulher perdida».

A pena vibrante e vigorosa de Rocha Martins, que na direcção do «*A B C*» tem que abafar as suas notas mais altas, encontra neste panfleto o seu «desabafo». Nestas paginas se vê ressurgir o estilo vivo e nervoso do jornalista de combate, que abriu caminho derrubando adversarios e soltando clamores de guerra.

Desejamos á nova publicação de Rocha Martins as prosperidades que, aliás, o nome consagrado do autor lhe assegura.

REPÚBLICA — FANTOCHES — Rocha Martins, o escriptor illustre, manda-nos o primeiro número do seu novo panfleto «Fautoches».

Audacia, desassombro, energia. Prosa máscula e can ente.

Tem um nome já consagrado Rocha Martins. Mas aqueles que o admiram pelo seu talento sempre moço e brilhante devem ler este seu novo trabalho.

Não perdem o tempo.

A PATRIA — FANTOCHES — Rocha Martins, o vigoroso escritor e panfletario manda-nos o primeiro numero dos «Fautoches».

São paginas de independencia e de rebeldia, em que o comentario mordaz resalta implacavel, causticando os homens e anotando o ridículo dos sucessos.

Nos nossos dias, poucas individualidades literarias poderiam com tanto exito tentar o panfleto como Rocha Martins.

O seu feitio e o seu estilo, — o estilo é o homem, — marcaram-lhe esse caminho que as circunstancias estavam a indicar a quem, como ele, tivesse as duas virtudes do panfletario: coragem e clareza.

DIARIO DE LISBOA — Rocha Martins editou já o seu panfleto *Fautoches* que se recommenda, além de outras qualidades, pela cálida vibração de revolta e idealismo que percorre as suas paginas. Capitulos — «O Senhor Roberto volta á leira», «Os dois barretes vermelhos», «Confissões de uma côdea de pão», «Os fumos dos lucros da guerra» e «Aquela Mulher perdida»

A ÉPOCA — Rocha Martins, o vigoroso escritor e nosso presado amigo, acaba de publicar o primeiro numero do seu panfleto *Fautoches*, em que, num estilo elegante, mas violento, descreve brilhantemente scenas da vida actual.

Ao illustre director do *A B C*, a quem felicitamos o exemplar oferecido, desejando, ao mesmo tempo, longa vida aos seus *Fautoches*.

O illustre escritor Camara Lima refere-se tambem nestes elogiosos e espirituosos termos aos *Fautoches* na sua brilhante secção do *Correio da Manhã* — *BÊCO DO FALA-SÓ*

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alécrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

A revolução de amanhã

Os bastidores da revolta — Falhos de senso e de ideal — A cadelinha de luxo — Rapido esboço das nossas revoltas — A finança e os vencedores — O senhor Nuncio nos valha!

Five que alterar o programa dêste panfleto porque se anuncia uma nova revolução e eu quero conversar com ela desde já, ou pelo menos a seu respeito.

Ninguém sabe quem são os chefes do movimento nem tampouco o que querem. Estas revoluções nacionais são malcreadas, anunciam-se e não dizem o que desejam, entram, galgam, instalam-se, partem o que encontram e retiram deixando mais um milheiro de empregados públicos, uns nomes na crónica, os cofres vazios, um rastro, por vezes um mar de sangue.

Desta que se marca para a nossa acuidade, em conversas do Chiado, dos electricos, das ruas de balela, sabe-se tanto como das suas anteriores.

Trata-se, sem dúvida, de uns senhores descontentes, que contam com um batalhão da Guarda — o resto adere como é do estilo —, se juntam em torno de uma mesa no Martinho ou nalguma casa de penhores e deliberam «dar uma caqueirada nisto».

São estes os termos revolucionarios modernos: «escaqueirar», «desemberbir uma data de latadas», «pôr a mexer», os governantes.

A respeito de idéas sobre os problemas nacionais, os conjurados, geralmente, dispensam-nos porque é melhor depois: «vamos a isto, que em lá chegando se vê»; não é necessario saber nada; «governa-se do alto de um automovel» «o que se quer é lá chegar».

De quando em quando, um, mais rasoavel, esboça as suas razões, apresenta-as, define-as, explica «que se vai parar ao abismo» — este é

tambem cliché da gíria revoltosa —, os outros encolhem os ombros e mandam-no calar.

«Vamos a isto que é uma pressa».

No dia seguinte, Lisboa acorda ao som de alguns tiros, vê passar tropas, encara com civis conhecidos da «Brasileira», do Rocio, todos num ar de quem busca um bom nicho para as balas e para si, sabe que se realisa uma parada e daqui a pouco — visto as boas relações da Igreja com a República — até se anunciará um *Te-Deum* e depois os automoveis do estado sentem os seus estofos roçados pelas trazeiras de uns novos ministros e o Tejo continúa lá em baixo mais agitado, mesmo quando sereno, do que a acção dos vencedores.

Revolucionar em Portugal quer dizer: estar no govêrno. A palavra Revolução não tem nenhum significado, após o ultimo fumo da pólvora se perder no espaço. Ninguém faz idéa do que se consubstancia nessas sílabas retumbantes além do mando garantido ás vezes, apenas por algumas horas. Os revolucionarios — isto é, os profissionais e os amadores — são os que menos percebem da missão em que os meteram ou se imiscuiram; acham um certo prazer em clamar, em dar tiros, em entrar nos gabinetes dos ministros, em apalpar os reposteiros e pedir por um rapazinho da côr, que deseja ser fiscal da agricultura, e mais nada, absoluta, firme, completamente mais nada.

Fez-se a revolta que demoliu o regimen e os lisboetas com os sebastianismos e os entusiasmos de sempre, compraram bandeirinhas encarnadas e verdes e saudaram a república:

— Bom dia, menina república... Espere aí que lhe vamos dar uns bolinhos...

E, confundindo-a com uma cadelinha de luxo, entraram a amimá-la, não vendo que a excitavam e a ensaiavam para morder.

A república devia ter sido de uma acção transformadora, menos de sectarismos e mais de economia nacional; competia-lhe resolver, com homens novos, variados problemas e em vez de afugentar a gente honesta do partido contrário, conservá-la na sua derrota mas sem ameaças; seria a sua obra conciliar desde logo, os interesses de ordem sentimental e espiritual: a bandeira azul e branca, sem a corôa, e uma lei benigna da Separação; no seu programa estaria, desde logo, um remodelamento das leis da agricultura, da propriedade, do trabalho, do ensino obrigatorio, o que se conseguiria em bases esplêndidas. Assim teríamos, a esta hora, uma geração magnifica em vez de uma alcateia rebelde.

Mas a república chegou e com ela os energúmenos. O vilão, tomando a vara da justiça, fez sempre dessa arma de equidade um varapau, uma móca.

O sr. Afonso Costa pôde ser representado nessas horas de vitória como um homem a quem tivessem tirado os miolos metendo-lhe na caixa craneana uma esponja mergulhada em vaidade e inépcia.

Foi um demolidor de cousas que precisavam apenas reformadas e ajoelhou aos pés dos que deviam ser castigados. A república, menina, que conduziu pela mão, prostrou-se, com êle, junto das burras dos banqueiros e enquanto entretinha as massas ignaras com as prisões dos bispos, desbarretava-se diante da plutocracia, enraizava amizades, deixava sujar aquilo que para uns era o ideal e para êle começava a ser um belo modo de bela vida.

Dictador de um bando acarneirado, viu-o instalado nos melhores lo-

gares e quando, um dia, as suas loucuras geraram um protesto, encheu porões, fortalezas, degrêdos e sentou-se na cadeira pombalina a coziar a péra. Desta Revolução, que transformara o regimen, safu-se de um banho de sangue e de uma impressão de terror.

A outra que se lhe seguiu com mais estrondo — pois não é necessario lembrar as sedições, bernardas e alarmes — a de 14 de maio — foi uma indisciplinadora montaria na qual se alçapremaram sargentolas e marujos sobre os seus superiores esmagados. Furibunda dentada de uma matilha, ela trouxe a desolação e a morte e a plutocracia ficou na mesma, rindo-se, atirando os seus bôlos de prêmio aos que chegavam, ilesa, sem que a metessem na ordem. A instrução diminuia, as leis agrárias nasceram criminosas e eis todo o ruim fructo dessa maldita insurreição feita em nome do que os legalistas, estupidamente, julgariam ser a pureza de principios.

Dominador, varejando os contrarios, calcando os seus co-reus, o ditador de Ceia continuava no poder com as máscaras dos lacaios a trigeitarem a seu modo e por sua conta. E mandou-nos para a guerra e conduziu-nos para a ruína.

Um dia, antes que alguns dos seus proprios parciais se levantassem contra êle, fez-se outra Revolução — a de 5 de dezembro. — O país delirou como se lhe trouxessem a felicidade, ajoelhou, adorou aquelle a quem eu chamei o *Libertador*. Esse homem, porém, velava com a sua espada, era mais um mantenedor da ordem que um estadista em acção; aos seus movimentos mínimos respondiam os democraticos, os evolucionistas, os unionistas com a rebelião formal. E a plutocracia, sempre à beira dos vencedores, continuou a sua obra perversa de roedora das energias nacionais. Quando lhe quis tocar, ameaçaram-no. Era o seu último reducto a desmoronar-se, essa revolta de capitalistas a quererem fechar a Bolsa para que não fossem aos seus livros colectar-lhes os lucros de guerra.

Um assassino liquidou, com duas balas, a vida atormentada do *Libertador* e os cúmplices dêsse crime ainda impune — os que governam hoje, e eu direi porque o são — tripudiarium após as tentativas monarchicas do Porto e do Monsanto, romanticos gestos de soldados, cheios de disciplina, procurando uma solução apenas politica das miserias nacionais.

Foi um sorvedouro de herois, de sacrificados.

Mais do que nunca os republicanos se ligaram aos maneja-dores de milhões e tambem, mais do que nunca, a vida se tornou insuportavel com os financeiros à solta e os governantes à sua beira.

Conta-se que, em 19 de outubro, se procurava corrigir a ganância e lançar um brado reformador. Saiu da parada revolucionaria um horror, uma onda de sangueira, uma chacina na qual perdi três amigos, dois dos quais eram como meus irmãos: Machado dos Santos, Carlos da Maia; ao terceiro, Antonio Granjo, nunca o via sem o abraçar, pobre alma de Quixote luzindo naquele corpo de Sancho.

O que ficou dessa revolução foi o terror, foi o nôjo, foi o pavôr, porque se o seu programa metia leis protectoras dos pobres as suas *camionnettes* vencedoras e sinistras só foram procurar os que dos miseros eram amigos. Revoluções politicas, todas elas, não passaram de um tirotear mais ou menos rude.

Que resta de tanto sangue e de tanto ódio? A miséria pública e os cofres dos privilegiados a não poderem conter mais dinheiro. É talvez, por isso, que o exportam...

Para quê, pois, outra revolução deste género, destes modelos, destes calibres?

Em volta de uma mēsa, num café ou numa agua furtada, talvez a esta hora estejam os conspiradores do movimento anunciando traçando o seu plano de assalto, mas esquecendo os projectos salvadores, que os ha, e é necessario applicá-los brava, forte, inexoravel, mas dignamente. Se é apenas para vencer, meus senhores, é melhor aquietarem-se porque a república já teve ministros em demasia e abarrotam os quadros dos empregados públicos.

Hoje, um revolucionario que chesse um movimento, carece ter mais atilado o espirito do que aliada a espada, compreender melhor o momento social do que a charada política, agir mais do que palrar, guardar as palavras retumbantes e as salvas para tronitroar com os seus decretos numa remodelação necessaria, precisa, urgentissima.

A vida portuguesa tornou-se um martirio; existir entre este bando aloucado, que vai rindo enquanto lhe augmentam os preços dos generos, das habitações, das festas, dos vestuarios, é um sacrificio maximo. Pretender revoltar esta turba é facil; mas dirigi-la é difficil. Carecemos mais de trigo que de pólvora, mais de batatas que de balas, precisamos mais de fazer compreender que obrigar a pactuar, é necessaria maior soma de conhecimento da raça que das baterias de bordo e, finalmente, é uma razão de vitória, a única mesmo, acima da adesão de todo o exercito, a certeza de que os homens do govêrno serão incapazes de traficancias ante todas as ofertas que os da Alta Banca e do Negocio lhes continuarem a fazer.

Quem não possuir essas cousas e quem não entender que as plutocracias, assim à vontade, são a nossa ruína — e elas só podem medrar em estrumeiras demagógicas — escusa de pretender escalar as paginas da história ou fazer brotar mais lagos de sangue.

O que toda a gente fez — mesmo ao mudar o regimen — não passou de «*revoluções de ontem*», sem princípios sólidos, sem bases, sem alicerces, sem fé, sem preceitos e o que se deve fazer é a *revolução de amanhã*; mas, repito, para ela é indispensavel mais consciência do que ardor e mais inteireza moral que o desejo de andar de correio na boléa, tremelicando na vertigem dos automóveis da república. Materia prima não escasseia, mas receio que a levem a mais alguma desilusão.

Este *Amanhã* é longo como um deserto, distante como um seculo, já sei. É que acredito não existirem aqui os revolucionarios de ideais e de transformações e entendo que dentro de um cérebro pôdre não pôde palpitar uma idéa pura. Espero, apenas, dos tiros que se anunciam mais mi-serias, mais amarguras e mais decimas, porque, Pai do Ceu! — valha-nos o senhor Nuncio junto da república — vão certamente decuplicar o número de empregados publicos.

Cautela! Mikado! Cautela!

S. Francisco Xavier e o Japão — As trinta e seis religiões — A tolerancia do Mikado — As idéas do ministro de Portugal no Imperio do sol nascente — O horror aos cardeais — Um grato aviso a Sua Magestade, o Imperador do Japão

O dôce e piedoso S. Francisco Xavier tomara o bordão da sua fé largara sem medo e sem outro amparo que o da sua crença em Deus para a aventura e para o misterio. A sua missão era a de converter infieis e ia topá-los longe a querer trazê-los para o seio da Igreja Nossa Protectora.

Aos olhos do admiravel padre apareciam paisagens extranhas, rios ladeados por arvoredos onde os fructos vermelhos desafiavam os viandantes a sentarem-se à sombra e a chupá-los com delicia. Sob um azulino ceu de faiança traçavam riscos de azas passaros de longos bicos; cabecitas curiosas de mulheres, de olhos oblíquos e penteados luzidios, espreitavam-no na sua humildade e no seu embevecimento.

Dentro em pouco, atraídos pela sua face calma e por seus dizeres, onde já ia a unção da santidade, elas, sentadinhas em esteiras frêscas, esforçavam-se por compreender como o Deus dos catholicos era infinitamente bom e amavel. As criancinhas estendiam-lhe as mãositas miudinhas e os homens chegaram tambem a escutá-lo, encostados a bambús altos, olhando, pensativamente, as brancas flôres de nenúfares boiando como flocos nevados nas aguas azuis dos lagos nipónicos.

Estava no Japão o jesuita e os seus povos aprendiam a persignar-se e a ajoelhar quando, um dia, apareceram soldados hirtos, tilintando lerros e o levaram, com a roupeta rasgada e a carne maguada e contusa ao castelo do *Kaimio*. Este quiz saber o que êle apregoava, escutou-o, meditou um pouco e mandou vir o palanquim, tilintante de campainhas de vidro, atravessou os caminhos até ao palacio do *Mikado*. Ouviu o imperador no alto do seu trono, as palavras do seu vassalo nobilissimo, a narrativa de tudo quanto se passara e, quando lhe perguntavam qual o castigo a inflingir ao ousado prégador da egualdade, sua magestade, num gesto lento, formulou uma pergunta por sua vez:

— Quantas religiões ha no Japão?

gente saber do seu patriotismo, maior que o da Maria da Fonte, do seu altruísmo, sobrepassante ao do sr. Julio d'Andrade, o que instituiu os bebedouros publicos para os cavalos, do seu filantropismo, que a leva a perder em barda dando-nos, ainda por cima, sandwichts de rabos de ratos. Não é carne famosa mas comeu-se peór no cêrco de Paris e em Portugal vive-se num rigoroso estado de mau sitio.

60.716!!! Seria o bastante para matar o dôbro das fomes, fundar uma obra protectora, fornecer bem estar a 121.432 desditosos, mais que suficiente aos braços uteis de 20.230 trabalhadores bem pagos e para se comprar o leite destinado á vida de 200.000 creanças, metade das que se tuberculizam ou morrem á mingua no meio duma cidade, onde a meia duzia de moageiros de cartel se distribuiriam dez mil contos por estômago, isto é o orçamento duma provincia.

Não; não deve ser assim! Eles não trituram nem torturam milhares de desgraçados, móem simplesmente o trigo que o govêrno lhes entrega.

Todas esses palacios que brotam do solo, soberbos, maravilhosos, de todos modelos, nes Estoris, em Cintra, nas Laranjeiras, nas Avenidas, essas moradias rajahescas de luxo e de prazer, destacando nas paisagens, como menagens de barões famosos, não são amassadas com a cal dos ossos, com o sangue, e com o suor dos caídos na lucta a batalharem pelo seu pão, vitimados pela sua falta ou empeçonhados por seus recheios. Tampouco é uma brincadeira de mau gôsto o que vem nas vozes, nas brisas, nas rajadas: isto é de fulano, de beltrano, de cicrano, da moagem, da moagem, da moagem...

O mesmo succede com os automoveis principêscos embichados na luz dôce do Chiado ás horas dos chás elegantes, — nas lojas, já se vê, pois nos abrigos aristocráticos e nos decentes não lançam ferro os barcos corsarios — igualmente se dá em relação aos brilhantes, às joias, às admiraveis gêmas e aos riquissimos vestidos que ostentam, scintilam e despem as suas amantes ou as suas mulheres. Até mesmo os camarotes de dez contos, pagos à bôca do cofre de S. Carlos não lhes pertencem.

Enrêdos, más idéas, cousas dos que não percebem como seria impossivel defraudar o povo, a nós todos, em 60.716 contos, sem que um castigo tremendo, terrivel, formidavel abalasse a sociedade onde vivessem.

É certo que no teatro, magnificas de *toilettes*, soberbas de atitudes, desenroscando dos pescoços colares de pérolas — gôtas de seiva para o sustento dos pequenitos míseros se as traúzissem em caridade — aparecem as suas familias, pois eles andam sempre azafamados a tratar da excelente e barata alimentação do público, porém, cousa alguma de mau, de desonesto, significam essas presenças nem os seus resplendecimentos de idolos, embora de quando em quando, se ouçam dialogos assustados entre as senhoras e as damas de companhia, ali no seu papel de explicadoras do argumento.

— Porque grita aquele de punhal ao léo contra o gordo? Quere matá-lo? É por causa dalguma farinha...? Eles trazem uns sacos...

— Não, madame, sossegue... Aquilo é mesmo da opera...

Abaixam-se um pouco os receios das damas sempre espicaçadas de certos' temores inoculados em seus ânímos pelos maridos nas alucinações das horas de mais bem fazer. Como não ha calistas para as almas nem manicuras para as unhas do negocio, elas não se podem desverminar de semelhantes sobressaltos íntimos e externos.

— E aqueles ladrões todos de espingardas e com caras de más intenções?

— Acalme-se, madame, são os contrabandistas da *Carmen* . . . É tudo da peça . . .

Com efeito, ainda não teniou maestro de fama a celebração de moageiros e a não ser *Fra Diavolo*, rumoroso e romântico, mais nenhum homem de trafico se esgargalou em notas. Inspiram-se melhor os compositores, nos devastadores de corações que nos de estômagos.

Já se vê que nada disto se pôde entender com quem cousa alguma de ilícito aparcela nem mesmo a moagem e suas dependentes padarias dariam motivo a um trecho musical, mesmo dos de mais pancadaria.

Porque nos cantariam tais aventuras se a sua vida é límpida como um riosito japonês e a sua consciência mais clara do que a sua farinha?

Esse luxo realengo, essa brutalidade de exhibição, as compras famosas de *bric-à-brac*, os tapetes caros, os jantares soberbos nessa Garrett—o templo da comida desafiando os famintos com o cheiro dos môlhos,— o alarde das riquezas, tudo isso não é produzido pelos exploradores das pessoas de toda a casta, obrigadas a comer pão.

Lucrativa e formidável mina de bom oiro é essa profissão—se acaso tal se lhe pode chamar. Toda a gente conhece os milhares de negocios em que penetram, de seguida, aqueles que da moagem saem e as suas vastas propriedades, fabricas, carros esplêndidos atestam como uma rajada de fortuna lhes encheu os cofres em maravilhosa prodigalidade.

Agora mesmo, deram ao dono do Suisso, ali do Rocio, 400 contos pela chave da porta afim de montarem os seus escritórios de Ali-Babá.

Isso, porém, não é deles, mas apenas ilusões nossas. Pois se o tivessem, se o possuíssem, os verdadeiros benfeitores da humanidade, os que nada lucram—confessam-no ante os brados do senador Alves— não o ofereceriam ao povo às mãos cheias antes que êle lhe lançasse em rosto a vertigem do seu poderio, a sua galgada do pé nû e do cabaz às costas dum, da rapadice do fato doutro, das artes de empréstimo pelintra de terceiro até ao Rolls-Royce, ao Avenida Palace, ao tutear dos ministros? Por exemplo o sr. Correia Barreto almoça ou janta, aos domingos com o sr. Castanheira de Moura; são bons amigos apesar da sua diferença de origens, e não se ligam para negocios de moagens porque relembram apenas outros do tempo da guerra.

A confissão moageira de falta de lucros não era necessaria.

Todos nós conhecemos a sua insenção e sabemos admiravelmente que os 60.716 contos anuaes, os seus palacios, os seus moveis, as suas rendas, as suas portentosas magnificencias não lhes pretencem. Quem nada recebe, amealha, ganha—como lhes sucede— nada tem, nada possúe.

Por consequencia os famintos, com as suas ugotinas vontades, as dôres dos seus estomagos contraídos, as mulheres de sacrificio, nós, os da classe média, tão provada de amarguras, mais do que as outras, os trabalhadores e os sabios, a amalgama do sofrimento, os da massa explorada temos direito a ir fazer o arresto publico de residencias, joias, quadros, papeis de credito, cofres, pois decerto, quem cousa alguma angaria, está livre de ter de seu.

Será desta maneira que se inaugurará um certo bem estar para as

crianças, um consolo para as velhices, uma satisfação para os que, dia a dia, pagam com sangue a côdea do seu mau alimento.

Abençoado seja o senador que provocou a resposta de falta de dinheiro da moagem, da ausencia de lucros, da sua semi-miseria. E' que essa declaração veio abrir-nos os olhos, tirar-nos as cactaratas do espirito, desentupir-nos os ouvidos levar-nos os êscrúpulos e desatar-nos os gestos. As maravilhas que se estadeiam em seu nome, não são deles — não lhes pertencem.

São muito nossas! . . . Todas nossas!

Diz-me aqui Roberto — símbolo dos explorados — ser necessario, mais do que nunca, acordar.

Os Piratas do "Lima,,

De Strabão aos Transportes Marítimos — O rio do esquecimento — O barco de eterna lembrança — "Filhos da Noite,, de alto bordo — Inventário de sangue real — As velas dum ministro — A Penitenciária dos inocentes

Ferunt enim interbos & (Celticos) & Turdulos com fecissent expeditionem e o Lumeo flumine transito etc.

Vem em Strabão este trecho em que se começa a explicar terem os antigos julgado o rio Lima, o Lethes, a onda do esquecimento.

E' que sendo lindissimas as suas margens, dôces e catantes as suas aguas, formosos os salgueiros enseivados por sua corrente, os soldados brancos, boçaes e credulos temiam, ao atravessar tanta belesa, esquecerem-se das suas distantes pátrias.

Pois pela primeira vez este nome de Lima não traz o esquecimento, antes carece ser bem recordado com seus devoristas e consentidor dos abusos praticados à sombra não das suas arvores mas dos poderes conferidos aos assaltantes da sua integridade. Como começa a entender-se, não se trata do rio nem mesmo êle comportaria piratas como qualquer agua chineza cheia de ciladas. Tambem não se quer dizer não existirem esses bandidos no presente caso do *Lima*, vapor do quadro dos alemães e, que como todos os outros da inutil tomadia, tem já a sua história tão triste, e tem muito de contar.

Este barco pertencia, como os capotes que nos faltam, aos Transportes Marítimos, onde se movia um grupo ávido de sair da caverna em grande gala quando para lá entrara faminta.

Talvez que, um ou outro, tivesse o seu escrúpulo e tambem lhes acontecesse tomarem a sério o titulo pomposo outorgado no *Diario do Governo*, ás suas habilidades. Chamavam-lhe «Comissão Liquidataria» e eles deliberaram desde logo fazer a liquidação de tudo quanto encontrassem, fôsse como fôsse.

O *Lima* aparecia-lhes por toda a parte, dava um rendimento diário de um conto e duzentos ao serviço da Insulana da qual é director um cavalheiro que acumulava o cargo com um lugar no tal arepago liquidador.

E, então, exactamente no último dia do ano, quando terminava o seu encargo vendeu-se por 1600 contos, o *Lima* à casa de que é um dos chefes, isto sem se falar com mais ninguem.

Este senhor britou as conveniências e os escrúpulos, confiado, talvez, no esquecimento evocado no trecho strabonico e na cumplicidade que todos os devoradores do país usam uns com os outros.

Ora o *Lima* — dir-se-ia, num côro de complacencia, — o *Lima*, êle até dado era barato... Esta idéa de querer dar valor a um objecto subtraído... sim... De quem era o *Lima*? Ora meu amigo, bem fez o senhor da Insulana... Ora de quem era o *Lima*?! O *Lima* bastos lucros já deu e dará... Mas o *Lima* Bastos é o ministro, o homem do commercio... Que confusão de *Lima* vapor com *Lima* ministro... Finalmente que *Lima* se vendeu? Julgo que ambos ou nenhum... E os reparos ficavam no ar como pedradas.

Poder-se-ia afirmar que o navio ganharia o producto da sua completa venda em mais uns quatro anos de viagem, e ficaria pertencendo ao estado, que não encontrariam mais êco nas almas os protestos e revoltas.

Como se vê trata-se duma autentica escamoteação à vista do público.

A venda foi confirmada, por outro ministro do comércio, e que embora não julgasse a comissão capaz de semelhante crime é uma das pessoas culpadas, ao menos por sua demasiada confiança nestes corsarios do *Lima*, espécie de *Filhos da Noite* d'alto bordo.

Era então titular da pasta o sr. Fernando de Brederode, um fidalgo transviado na demagogia, já se vê só depois que ha república, cheio de *mala pata* como se o destino o quizesse castigar pela traição à sua raça. Era êle o ministro da marinha na celebre revolta em que Julio Martins lhe usurpou os poderes e tão acertadamente dirigiu as pastas que na do Comércio foi ainda um navio que lhe appareceu com seus contos miseros atados ao leme e à sua reputação.

E' tambem singular matematico este republicano fero e pertence-lhe um celebre calculo, no qual pretendia demonstrar não correr sangue português nas veias do Senhor D. Manuel, em virtude dos seus numerosos ancestros estrangeiros.

A estas horas o ministro é que deve estar de mau sangue; nas suas veis succeder-se-ha uma batalha, o liquido azul da sua linhagem bater-se-ha com o vermelho da sua fé e, no fim, ante a bandeira negra dos piratas, arvorada no *Lima*, do qual já ninguem mais se esquecerá, sua excelencia acabará por ficar sem pinga de sangue e sem autoridade para voltar a cargos públicos.

Seria absolutamente assim numa terra em que houvesse a consciencia dos maus actos dos homens ou das suas ineptias. Em Portugal este senhor, avaliador do que vai nas veias reais, voltará a mandar e a assistir impávido a avaliações como a feita no *Lima* o qual fundeará por conta dos que o roubaram sem se abrirem para os engulir as portas da Penitenciária ou então para deixar sair os que lá estão, inocentes todos, estes, comparados com os do bando assaltante.

Desta vez, o rio do esquecimento não lhes valerá com suas virtudes porque a cada evoção do *Lima*, eu, pelo menos, ligo-lhes logo os senhores liquidatários, e o senhor Codigo de Justiça. E se o caso não se decidir levando à cadeia os defraudantes, é necessário exaltar as qualidades dos vigaristas de praça. Oh! não o *Lima* não pode ser limado do nosso espirito porque equivaleria aos seus detentores nos roubarem tambem memoria.

O último janota lisboeta

Um elegante do Chiado — A fachada do Janotismo — A serenidade e as gravatas — Um millionario sóbrio — O dealbar dum amor — O 32 da Praça do Rio de Janeiro

O conde de Paço Lumiar que, se não lusia talentos, exteriorisava uma grande linha, uma atitude, um modêlo, ostentou até á sua morte, com o rumor dos seus apelidos hespanhois, de Bueno de Nietto Cevalos, de Hidalgo, o ar absolutamente janota que fôra a sua unica preocupação em vida.

Em novo, quando ainda rugiam os leões na Lisboa tristonha, emparceirava com eles e se não florescia em espirito — isso não — como o Condeixa, ao menos arvorava as suas quinzenas de talhe impecavel, usava as suas luvas de Londres e as suas gravatas tinham o cunho de suprema elegancia, o mais difficil de cancelar: o da simplicidade, reveladora do bom gosto.

Atravessou as ruas nas suas carruagens á inglesa, brasonadas, os da boleia sobrecaçacados de negro e calção branco; deu banquetes em esplêndidas baixelas e, tendo sido o esposo duma das mais formosas senhoras lisboetas, amante dalgumas não menos feias, conquistador da fêmea por uma vaidade de peralta, assim começou a envelhecer sem mudar os modos, mas seguindo as modas num habito de grande senhor, atento ás etiquetas, correcto, acepillhado, todo de maneirismo e boa educação.

Passavam os acontecimentos, os escândalos, as calamidades, as revoltas, os assassinios; vinham os desastres, as guerras, os horrores e o homem dos nomes pomposos — Nietto Cevalos de Vila Lobos — inquiria dos tons das fazendas, da nota mais modernista do chapeu alto, cuidava das suas bengalas, dos seus colarinhos, das perolas da sua escolha; espelhava-se no verniz das suas botas, regalava-se na frescura das suas polainas brancas e dando uma volta no Turf ou no Tauromaquico, o se-

nhor conde mostrava-se a Lisboa como uma das suas boas cousas, uma das suas curiosidades.

Tempo houve em que o peralvilhismo nacional o imitou e em que os elegantes, pretenciosamente a seguil-o, tinham o aspecto de más copias, parecendo todos seus bastardos.

A sua vida foi complicada nos trajos e simples de viver até certo momento, já quasi no declinar. Riquíssimo, sendo dono de metade dos predios do Rocio, dum solar magnifico, de muitas centenas de contos de réis, de carruagens, quadros, automoveis, baixelas, ele não tinha senão que desejar para possuir. As suas preocupações, limitavam-se a algum arruão de mulher ou a alguma demora de alfaiate, á pouca duração duma rosa na sua botoeira ou ao desgosto de ter encontrado algum estrangeiro de mais aprumo, correção e dandismo. Em Paris arruinar-se-ia para ser o primeiro da sua camada, o elegante padronico; em Lisboa bastava-lhe o rendimento para viver á larga e para os seus devaneios e predilecções. Morava na rua Antonio Maria Cardoso, tão triste, tão calma e socegada, e ao esgarçar-se um pouco dos portais da sua casa, entreviam-se, nas tinturas do seu luxo, fáces graves de creados de casaca, irradiava-se de dentro uma atmosfera distinta, vinha para o ambiente alguma cousa de forte, de realçante, de perfumado como nos chega o odor do incenso ao passarmos ás portas das egrejas em festa.

A sua familia era uma filha casada em Hespanha e um neto, um ou outro parentesito, e como a existencia do janola seguia serena, com um ou outro desvairosito, logo remediado, sem nuvens se passava nas suas relações de sangue. Calculado, livre de larguesas, prodigas, contentando-se, sem grandes retumbancias, em dar o chiquismo nos lugares onde estava encaneceu mas, como um actor de difficil reforma, irresignado e fazendo das taboas a sua razão de continuar no mundo, ele, para mentava-se, arranjava-se, vestia-se bem e embora tivesse reumatismo não deixava de mandar vir o pedicuro, de se informar das fazendas, em fóco e de vigiar bem a loção do seu cabelo, não fossem trazer-lhe alguma imitação. Esse homem, mesmo na doença mais grave, nunca deixou de estar escanhoado.

Não se conheciam nem as suas generosidades—se alguma vez ele reparou na passagem dos pobres—nem as suas idéas sobre qualquer assunto, fóra das «toilletes», dos cavalos, do luxo. Era um exterior; talvez vasio, um ser de goso, de frontaria, de parada. Nunca fez mal nem bem. Alguma afixagem da amorios mais da sua vaidade, foi talvez o maior delito deste esplendido modelo da vacuidade e do casquilhismo.

A sua grande acção, a de mais retumbancia á sua volta, foi a dos seus derradeiros dias. E quem sabe se desta vez, o conde se preocuparia com as opiniões do Chiado—o unico despertador da sua sensibilidade—ou se preferiria o silencio dos clubs?

É que o janota, aos setenta anos, quando fazia ainda prodígios de galantaria, apaixonára-se tanto por uma senhora formosíssima — telegrafista ou pequena empregada — e dedicára-se-lhe, decerto com toda a ternura contida na sua alma, até aí a futilidades presa, que deliberára viver a seu lado, numa quietação de espírito, a contemplá-la e a ouvi-la como um rei velho ao par do seu consorcio morgânico.

Não tinha tão grande, linhagem que o casamento a valer o deslustrasse e como do seu amor viera para a existência uma creancinha, êle, enlaçara-se com a mãe, em mente sã, em consciência, diante de testemunhas, cheio de uma razão maxima, de uma paixão ardente e de um procedimento dignissimo.

O Chiado ialasou e a familia, a filha casada em Espanha, agitou-se.

Todas as manhãs, subindo ao Turí, de polainas e esporas, elegante, a esconder mais a sua decrepitude, movendo-se nos passinhos miudos da velhice — aqueles que parecem querer demorar a andada para a morte — êle queria dar aos outros, mais do que a si proprio, a ilusão de ir passear a cavallo e deslumbrar o Campo Grande, batia com o *stick* no coiro scintilante do apolainado e sentava-se a conversar ácêrca de qualquer banalidade. O conde não tinha espírito, era um superficial a ocultar o pouco fundo no bem trajar como se enredam rosas em trepadeiras para esconder buracos.

Quando a filha lhe declarou guerra não alterou a sua máscara de janota e, vendendo, por milhares de contos, certamente, os seus, muito seus, prédios do Rocio, embora tal posse pese aos inimigos da propriedade e aos gananciosos de heranças, recolheu o dinheiro desse grande acto, não o depositou em Bancos, mas com êle deve ter assegurado, de entrega de mão a mão, a fortuna da mulher escolhida e da filhinha, botão virgíneo, vindo do seu último amor, do mais estonteante.

Não tardou a ser-lhe imposta a acção por prodigalidade; a justiça surgiu com o seu lacre e as suas tiras de pano ordinario, aselar as fidalgas entradas do seu palacio, onde guardava as suas coisas belas, os quadros, as pratas, os moveis sumptuosos, as casacas, os trajos, os chapéus, as bengalas. Tomaram-lhe, num assalto, o seu arsenal de elegância.

O genro espanhol andava como um tutor aváro, que espera herdar, a vigiar todas as suas despesas e um clamor brutal, irreverente, subiu ao saber-se do consorcio, do reconhecimento da filha, do passo mais largo, mais ousado, mas tambem o mais belo, que esse requintado de exterioridades, jámais dera na sua existência de peralvilhimos.

Guardadas pelos homens da lei as portas da sua moradia, esse comodista, esse elegante suprêmo, sentiu-se doente, entreviu a morte. Dir-se-ia que morria de saudades das suas cousas belas, das suas roupas, dos seus atavios como um pavão desplumado que ao mirar-se na agua de um lago, clamorasse, entristecesse, se finasse.

Ele, que sempre tivera as salas espaçosas, os quartos maravilhosos, o seu camarim de actor distincto do palco do teatro chiadense, sentia-se agora sem as antiguidades do seu solar do Paço, sem os modernismos da residencia luxuosa e, num acanhado andar, de portinha estreita, numa casa velha da Praça do Rio de Janeiro — o antigo Príncipe Real — o elegante acamou para morrer, podendo dar-se ainda a ilusão de lhe pertencerem o jardim fronteiro, onde as flôres começam a vicejar, o cedro la go e as sombras dôees. De toda a sua fortuna restava-lhe muito, o que vendera para salvar a nova familia; o resto litigiava-lho a filha, casada no estrangeiro, a herdeira que entrevia a ruina.

Como se tivessem escolhido bem o ponto onde a sua vida toda se concentrava, fôra no seu janotismo, no seu elegantismo, nos seus habitos que o feriram como se dá uma punhalada directamente a um coração ou se deita uma gôta de peçonha numa taça de champagne.

Aos poucos, mas com uma clarividência, agora tão exteriorisada como outrora o seu vacuismo, se foi finando aos poucos, sumindo-se da vida, entre a condessa — porque ninguem pôde negar a sua espôsa o seu titulo — e a filhinha do seu ultimo mas, talvez tambem, do seu único amor. As suas relações hesitavam em ir perturbar-lhe a felicidade do coração na dureza da casa sem magnificencia mas houve duas visitas que jámais faltaram à beira da sua poltrona de enfermo: o barbeiro e a manicura.

Deste modo viveu e morreu o conde de Paço Lumiar, o último janota nacional, no predio da praça do Rio de Janeiro, numero 32. Como no jogo em que só a 31 se chega para ganhar, êle morreu ao ultrapassar os limites da sua ária de acção. A casa era longe do Chiado, onde reinara, a escada não tinha alcatifa mas, junto da alma desse egoista de sempre, desse ensimesmado, tinham brotado duas afeições, como num rochedo pimpante, nascem, por vezes, cachos de flôres vistosas, a êle bem enraizados e para sempre presos.

SUMARIO DO NUMERO 3

A SAIR EM 20 DE JANEIRO

A Senhora Dona Bolchevista — As cionémicas — Os que lançam a bomba e os que a bomba lançam — Os Dentes de Ouro, etc.

Dois anos na direcção de um magazine literario não amoleceram as energias de Rocha Martins. Ahi está a prova-lo o seu panfleto *Fantoches* que aqui tenho presente e que acabo de ler com prazer.

É este o Rocha Martins de quem eu mais gosto: o esfola-gatos e mata-cães, ô impulsivo, o loquete de três respostas. Rapaz e está dito tudo.

Concluída a regalada leitura, pergunto a mim proprio se valerá a pena? Ha muito oiço dizer que somos uma minoria dominada por uma maioria de patifes, e é verdade. Realmente meia duzia de creaturas sem escrupulos tripudiam sobre os mais sagrados direitos e regalias de uma multidão, espesinhando, vilipendiando-a, roubando. Mas para qual destes grupos escreve o meu caro Rocha Martins, se um não tem vergonha e outro se compõe de sombras, de fantasmas, de sonâmbulos?

Baldados ju go quaisquer dos esforços — o de fazer ter vergonha a quem não a tem e o de galvanisar energias mortas.

Eu já não faço panfletos, porque não faço coisa nenhuma. Farrapo humano, deixo-me ir na onda. Se fizesse alguma coisa, faria uma lôrca que mandaria plantar ali no largo das Duas Igrejas, na qual balouçariam meia duzia de corpos. Estes bastavam. Logo os outros se acolhiam com pavor, não porque esta gente tenha horror à morte mas porque tem muito amor à vida.

Outro por mim a fará. Até lá, que o meu caro Rocha Martins consiga acordar os que dormem e que cada um d'elles auxilie o D. Roberto na tarefa do Toma! Toma! Toma!

A BATALHA — O sr. Rocha Martins lançou para a grande maré dos escândalos nacionais um panfleto intitulado *Os Fantoches*. Apesar do referido escritor militar num campo de idéas diverso do nosso, não deixamos de reconhecer que elle é um panfleto brilhante e que lhe assiste muita razão nos protestos que formula contra os males que nos asfixiam. Simplesmente a nossa maneira de curar é diversa. A culpa desta divergência não é nossa nem do sr. Rocha Martins...

O DIA — *FANTOCHES* — Apareceram hoje os annunciados *Fantoches*, de Rocha Martins. Temos aqui sobre a mesma e por gentil oferta do seu director, o primeiro numero, que varr os ler com a antecipada certeza de que encontraremos nessas páginas o scintilante e vivo espirito critico do distinto jornalista, com aquella independencia de vistas e aquella certeza de golpe e da oportunidade que distinguem a sua pena honestamente combativa. O proximo numero sai no dia 13.

SÓROS E VACINAS

TODAS AS EMBALAGENS SÃO ACOMPANHA-
DAS DE SERINGAS E AGULHAS

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS
APARELHOS DE MEDICINA

Estabelecimentos ALVARO CAMPOS

LISBOA-PORTO

Telef. 1017-Central

